

# A INDÚSTRIA BRASILEIRA EM 2021

O ano de 2021 não foi satisfatório para a indústria brasileira, seja geral seja de transformação. No gráfico nº 1 (com dados dessazonalizados) pode ser visto que de dezembro de 2020 a igual período em 2021, ambas as indústrias vão perdendo dinamismo acumulando perdas em seus índices de produção de 4,1% e 5,9%, respectivamente. Quando comparada a performance da indústria em geral em 2020, quando caiu 4,7%, o aumento de 4,2% em 2021 foi insuficiente para cobrir as perdas. No caso da indústria de transformação empatou com a retração de 4,8% observada no primeiro ano sob o efeito da Covid19. Por categoria de uso final, como pode ser visto no gráfico nº 2, com exceção de bens de capital, o padrão foi muito semelhante ao observado para a indústria em geral e de transformação, ou seja, caiu em relação a fevereiro e dezembro de 2020 nos casos da indústria de bens de consumo e semiduráveis e não duráveis. Bens intermediário, apesar de cair em relação a dezembro de 2020 fica acima de fevereiro.

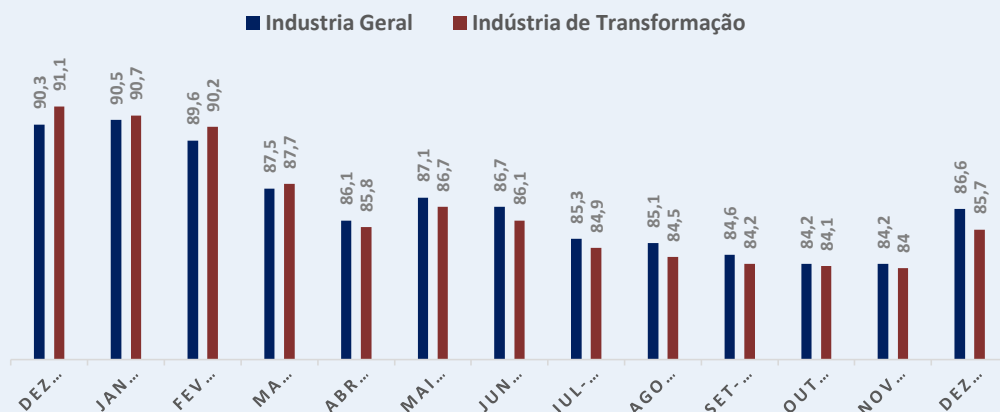
Como vem sendo apontado em Panoramas

Conjunturais FIEA anteriores, em linhas gerais, o dinamismo sofrível da indústria em geral e de transformação se devem a problemas tanto do lado da demanda como da oferta. No primeiro caso, taxa de desemprego de dois dígitos, vamos fechar o ano de 2021 com desemprego de 12% e com níveis recordes de subutilização por insuficiência de horas trabalhadas. Ademais, inflação de dois dígitos não só compromete o poder de compra das famílias como contribui para manter os níveis de desemprego em patamares elevados. As famílias ao longo do ano de 2021 atingiram níveis expressivos de endividamento. De acordo com o Banco Central do Brasil (BCB), o endividamento das famílias com o Sistema Financeiro Nacional (em relação à renda acumulada dos últimos doze meses) passou de 42% em fevereiro de 2020 para 50% em setembro de 2021. Inflação acelerando com endividamento elevado, em um contexto de aumento da taxa básica de juros pelo BCB, afeta negativamente a demanda de bens de consumo principalmente de duráveis, cuja retração foi a mais pronunciada ao longo de

2021: 7,7%.

Do lado da oferta, como chama atenção o [IEDI](#), além do encarecimento de combustíveis e da energia elétrica, em função da crise hídrica, pressões de custo vieram da desorganização das cadeias produtivas. A CNI, a partir de levantamento junto a dois mil empresários da indústria, identificou que a falta e o alto custo das matérias-primas seguem afetando severamente 1/5 da indústria, apesar de percebe-se uma queda gradual nas assinalações desse problema ao longo dos últimos trimestres. Segundo este levantamento divulgado no início de dez/21, 69% da indústria apresenta dificuldades para obter insumos domésticos e 72% delas têm problemas de acesso a insumos importados. Além da incerteza quanto a regularização dos canais de oferta, em função da variante Ômicron e seus efeitos sobre a economia chinesa, há também no tocante ao conflito entre a Rússia e a Ucrânia.

GRÁFICO Nº 1 - ÍNDICE DE PRODUÇÃO (DESSAZONALIZADO - 2012 = 100) DAS INDÚSTRIAS GERAL E DE TRANSFORMAÇÃO DO BRASIL - DEZ/20 A DEZ/21 - BANCO CENTRAL DO BRASIL - ELABORAÇÃO NÚCLEO DE PESQUISA IEL/FIEA



O crescimento de 3,9% da indústria brasileira em 2021 veio bem abaixo das previsões mais otimistas do mercado financeiro cuja mediana, segundo a pesquisa Focus do BCB, era de alta de 5,5% e em linha com os pessimistas que estimavam 3,9%. Para 2022, segundo a mesma

pesquisa, a mediana é de queda de 0,6%, os mais otimistas projetam crescimento de 2% e os pessimistas recuo de 3,5%. O elevado desvio padrão entre os otimistas e pessimistas dá uma noção do grau de incerteza quanto a comportamento da indústria em 2022. Apesar

do cenário de maior instabilidade, O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) mostra que, em fevereiro de 2022, a confiança avançou em 17 de 29 setores industriais analisados.

## BCB sinaliza desaceleração do ciclo de alta da Selic

A taxa de inflação (IPCA, no acumulado de doze meses) continua em ascensão fechando janeiro de 2022 a 10,38% contra 10,06% de dezembro de 2021. Com este resultado, mais uma vez,

ficou bem acima do centro da meta de 3,5% e do teto de 5%, como pode ser visto nos gráficos nº 3 e 4. No levantamento feito pela pesquisa FOCUS de 18/02/22, a mediana das

expectativas do mercado financeiro continua projetando inflação na meta só em 2025 e pressão de alta em 2022, 2023 e 2024.

Em função da resiliência da taxa de inflação, o Banco Central do Brasil tem sinalizado com a continuidade do ciclo de alta da Selic só que em um ritmo mais baixo e talvez por um período maior. A mediana do Focus projeta taxa de 12,25% no final de 2022 e IPCA de 5,56%. Ou seja, taxa real de juros de 6,3% bem acima da taxa neutra de 4% estimada pelo mercado financeiro. Para janeiro de 2023, o Depósito Interfinanceiro (CDI de 1 dia) está rendendo taxa de 12,38% mostrando que o mercado aposta na manutenção ao longo de todo o ano do ciclo de alta da Selic.

De acordo com a última Ata do Comitê de Política Monetária (COPOM), no balanço de riscos a questão fiscal e a desancoragem das expectativas de inflação estariam pesando positivamente para a continuidade da inflação e, conseqüentemente, da alta da selic, mesmo que a taxas menores. O que poderia, em parte, se contrapor ao aumento do risco inflacionário seria a redução dos preços das commodities em função da desaceleração da economia mundial provocada pela normalização da política monetária, com os bancos centrais puxando as taxas básicas de juros para cima. A

regularização da oferta de componentes industriais importados (com o arrefecimento da Covid19) também seria um fator a contribuir favoravelmente para a queda da taxa de inflação dos produtos industriais assim como o aumento da produção agrícola, apesar do la niña.

A apreciação de quase 10% do real frente ao dólar desde o início de janeiro, com o real recentemente rompendo a barreira dos R\$/US\$ 5,0, junto com capacidade ociosa ainda elevada na economia brasileira (hiato produto negativo de aproximadamente 4%) são fatores que militam para puxar a taxa de inflação (IPCA) para baixo. No primeiro caso porque reduz os preços dos insumos importados e no segundo porque diminui o espaço para repasse dos aumentos de custos para os preços finais, principalmente quando aumenta o risco de termos recessão em 2022 ou crescimento abaixo de 1%.

O comportamento da taxa de câmbio, por sua vez, tem refletido fatores que podem tanto reforçar a apreciação como revertê-la. O diferencial de juros entre os papéis brasileiros e os pagos por seus congêneres em nível internacional tem atraído capital estrangeiro para o país, por meio das operações *carry*

*trade*, levando a apreciação do real. Na mesma direção contribuem o aumento dos preços das commodities, uma vez que o Brasil é um grande produtor, como também o fato dos papéis na bolsa de valores (IBOVESPA) estarem baratos em dólar. Estes dois fatores aumentam a oferta de dólares no país. Na contramão, podem levar a depreciação do real frente ao dólar o ritmo de aumento dos juros nos EUA, a deterioração do quadro fiscal brasileiro e o agravamento da crise envolvendo a Rússia e a Ucrânia, em razão dos reflexos sobre os preços do petróleo.

Taxa básica real de juros de quase 7%aa, caso se confirmem as medianas das estimativas do Focus para a selic e IPCA para 2022, não só impactará negativamente às contas públicas (o mercado estima pagamento de juros da dívida pública na ordem de R\$ 700bi este ano) como desequilibrará financeiramente os balanços das famílias e as empresas. Em síntese, mesmo que favoreça a manutenção do câmbio apreciado o que é incerto, a atual política de juros exigirá uma taxa de sacrifício em termos emprego e renda muito alta se o Banco Central insistir em sua postura conservadora (*hawkish*).

## A produção Industrial Brasileira em dezembro de 2021

Variações da Produção Industrial - Novembro 2021 - %				
	No mês (com ajuste sazonal)	Mesmo mês ano anterior	No ano	Doze meses
<b>Indústria Geral</b>	<b>2,9</b>	<b>-5,0</b>	<b>3,9</b>	<b>3,9</b>
<b>Bens de capital</b>	<b>4,4</b>	<b>5,8</b>	<b>28,3</b>	<b>28,3</b>
<b>Bens intermediários</b>	<b>2,3</b>	<b>-3,9</b>	<b>3,3</b>	<b>3,3</b>
<b>Bens de consumo</b>	<b>3,2</b>	<b>-9,4</b>	<b>0,0</b>	<b>0,0</b>
<b>Bens de consumo duráveis</b>	<b>6,9</b>	<b>-16,8</b>	<b>1,9</b>	<b>1,9</b>
<b>Semiduráveis e não duráveis</b>	<b>1,5</b>	<b>-7,4</b>	<b>-0,5</b>	<b>-0,5</b>
<b>Extrativa Mineral</b>	<b>1,6</b>	<b>2,0</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>
<b>Transformação</b>	<b>2,0</b>	<b>-5,9</b>	<b>4,3</b>	<b>4,3</b>

Fonte: IBGE - Pesquisa Industrial Mensal - Elaboração Própria

A indústria brasileira em dezembro de 2021 registrou variação de 2,9% na produção, no levantamento com ajuste sazonal. Na comparação com o mesmo mês em 2020 a produção industrial caiu 5%, dando continuidade à dinâmica de retração exibida em novembro quando recuou 4,4% (na mesma métrica). Na avaliação do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento da Indústria (IEDI)<sup>1</sup>, “a indústria em 2021 não cresceu o suficiente para compensar as perdas de 2020. A rigor, não fossem as bases deprimidas de comparação, o setor teria apresentado um desempenho bastante inferior, já que mês

após mês, descontados os efeitos sazonais, a produção industrial teve um ano marcado majoritariamente por recuos. Os efeitos disso já se mostram na confiança dos empresários do setor. O indicador da FGV, em jan/22, ficou abaixo da marca de 100 pontos pela primeira vez desde ago/20, sinalizando queda da confiança, e o indicador da CNI manteve rota descendente, ficando cerca de 10% abaixo do patamar da virada de 2020 para 2021.”

Ainda segundo o IEDI, “a utilização da capacidade instalada da indústria de transformação, de acordo com a série da FGV

com ajustes sazonais, recuou de 81,3% em out/21 para 79,7% em dez/21. Ficou, assim, praticamente na média histórica anterior à Covid-19 (79,5%), mas ainda abaixo do patamar imediatamente anterior à crise de 2014-2016, que era de 82,6% no 1º trim/14. Em jan/22 este indicador progrediu para 80,7%. Já pesquisa da CNI, mostra que a utilização da capacidade instalada da indústria de transformação de dez/21 deu continuidade à rota descendente que vinha apresentando.”

### FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE ALAGOAS – FIEA

#### PRESIDENTE

José Carlos Lyra de Andrade

#### 1º VICE PRESIDENTE

José da Silva Nogueira Filho

#### DIRETOR EXECUTIVO

Walter Luiz Jucá Sá

#### GERENTE UNITEC

Helvio Braga Vilas Boas

### INSTITUTO EUVALDO LODI – IEL

#### DIRETOR REGIONAL

José Carlos Lyra de Andrade

#### SUPERINTENDENTE

Helvio Braga Vilas Boas

#### COORDENADORA DE INOVAÇÃO E PESQUISA

Eliana Maria de Oliveira Sá

#### ELABORAÇÃO

Núcleo de Inovação e Pesquisa IEL/AL

### EQUIPETÉCNICA

Eliana Maria de Oliveira Sá

#### CONSULTORES

Luciana Peixoto Santa Rita

Reynaldo Rubens Ferreira Junior

#### ESTAGIÁRIOS

Luana Santos Leite

Morgana Maria Machado Moura

**CONTATO: (82) 2121-3085**